

Dança e escola na contemporaneidade: uma relação possível?

Leonardo Gomes Maia¹
Marcelo Paraíso Alves¹

Artigo
Original

Original
Paper

Palavras-chave:

Dança;
Escola;
Educação;
Contemporaneidade.

Resumo

A Educação Física ao longo de sua trajetória privilegiou a prática esportiva, contribuindo para a exclusão de determinados conteúdos, aqui neste estudo, emerge como sendo a dança na escola. Entretanto, atualmente, com a intervenção das abordagens críticas, essa área do conhecimento (EF), constrói outras intervenções pedagógicas que perspectivam possibilidades de ação no campo educacional. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa pretende investigar como a dança tem sido utilizada como um possível conteúdo para as aulas de Educação Física Escolar (EFE). A intenção é privilegiar a seguinte problemática: Até que ponto dança está sendo privilegiada, nos debates acadêmicos, como um conteúdo a ser considerado durante as aulas? Na intenção de atingir tal objetivo, referida pesquisa optou pela revisão bibliográfica na intenção de acessar a produção científica dos últimos seis anos (2008 até os dias atuais) sobre as temáticas da prática da dança na escola. Confrontando-as com artigos que contemplem tais temas, foi realizada busca à produção científica indexada nas bases eletrônicas de dados MOVIMENTO, REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA USP, MOTRIZ, MOTRIVIVÊNCIA E CBCE. No total foram encontrados 11 artigos que atendiam aos critérios de inclusão. Com esta pesquisa, pretende-se levantar e contribuir com as mais recentes discussões acerca da dança e seu papel na escola, apresentando dados coletados e com base metodológica para dar maior credibilidade no assunto.

¹ Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

1. Introdução

Ao longo da história da Educação Física (EF), múltiplas formas de ensino emergiram do contexto social em que estavam inseridas: Higienismo, Militarismo, Pedagogicismo, Competitivismo, Abordagem Desenvolvimentista, Psicomotricidade, Cultura Corporal, Crítico Emancipatória, dentre outras (GHIRALDELLI, 1989; CASTELANI, 2000; COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 2001).

Para alguns autores (CASTELANNI, 2000; CAPARROZ, 2005), as tendências pedagógicas ao sofrerem a interferência do contexto em que estavam inseridas produziram formas distintas de concepção de corpo e processos de ensino singulares por meio das práticas corporais: métodos ginásticos, atividades recreativas, modalidades esportivas, dentre outras.

Porém, o que se percebe, a partir dos autores investigados, é o privilégio de algumas práticas corporais em detrimento de outras, por exemplo: a dança sempre ocupando espaços marginalizados durante as aulas de Educação Física.

Brasileiro e Marcassa (2008) comentam que o discurso atual coloca em evidência um corpo perfeito que precisa servir como um processo identitário marcando e moldando os sujeitos a uma determinada classe social e em decorrência um padrão de comportamento e rendimento: performance.

Assim, consideramos que a Educação Física ao longo de sua trajetória privilegiou alguns conteúdos (esportes), contribuindo para a exclusão de determinados conteúdos, aqui neste estudo, emerge como sendo a dança na escola.

Entretanto, com a intervenção das abordagens críticas nos dias atuais (DARIDO, 2005), essa área do conhecimento (EF), constrói outras intervenções pedagógicas que perspectivam possibilidades de ação no campo educacional (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Partindo dessa premissa, a presente pesquisa pretende investigar como a dança tem sido utilizada como possível conteúdo para as aulas de Educação Física Escolar (EFE). A intenção é privilegiar a seguinte problemática: Até que ponto a dança está sendo privilegiada nos debates acadêmicos, como um conteúdo a ser considerado durante as aulas na escola?

Partindo da problemática anunciada, é importante esclarecer que ao considerarmos a dança e a escola na contemporaneidade, não estamos aqui buscando discutir as temáticas de dança que deveriam estar ou estão presentes no cotidiano escolar, mas identificar no discurso acadêmico, principalmente das revistas investigadas, a relação que se estabelece entre a escola e a dança.

Esta pesquisa pretende contribuir para o debate acerca do currículo em EFE, em consequência, refletir sobre o ato de educar no sentido de desenvolver os sujeitos visando sua ação crítica no meio social por intermédio do movimento (DARIDO, 2005).

Na intenção de atingir o objetivo proposto, o estudo optou pela pesquisa bibliográfica. Marconi e Lakatos (2010) mencionam que a finalidade deste tipo de pesquisa é promover um contato direto do investigador com o seu objeto de pesquisa, com a intenção de permitir ao pesquisador um reforço “paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (p.44).

Os autores em outra obra (MARCONI; LAKATOS, 2009) informam que várias fontes podem servir para o procedimento de pesquisa: “livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita” (p. 44). No entanto, na intenção de realizar um levantamento bibliográfico, utilizamos os últimos seis anos (2008 a 2013), de cinco periódicos relevantes para a referida área de estudo: Revista Movimento, Revista de Educação Física da USP, Motriz, Motrivivência, Revista do CBCE.

2. Dança e Educação

A dança é considerada um fenômeno originário na cultura de todos os povos, sendo esta, uma manifestação que se desenvolve por meio do movimento corporal, entre as quais se incluem as atividades físicas, visando o lazer, saúde, formação educacional, e/ou a todos estes em conjunto (DINIZ e DARIDO, 2012), conforme podemos perceber na discussão das autoras:

A dança é entendida como uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal humana, traduzindo a manifestação de um povo, sua emo-

ção e comunicação... A dança é parte da natureza do homem, tão velha quanto ele, talvez expressão primeira do seu obscuro impulso para diferenciar-se dos outros animais (DINIZ e DARIDO, 2012, p.176).

Nos primeiros anos da presente década, segundo Darido (2005), a consolidação da Dança-Educação ocupa o espaço social em posição privilegiada, numa tendência já reforçada na década anterior. Esta perspectiva educativa implica em proporcionar, além do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social (numa perspectiva da cultura corporal), o que tem de mais peculiar: expressividade acompanhada do ritmo.

Nesse sentido, Sborquia e Neira (2008), comentam que os objetivos educacionais da dança, incluem sua vivência e conhecimento como uma forma de manifestação corporal e cultural da sociedade, nas quais se relacionam aspectos como musicalidade, expressividade, criatividade, imaginação, contextualização histórica, entre outros, ou seja, a dança é entendida como legado humano.

Para Lacerda e Gonçalves (2010), o indivíduo ao realizar a dança, expressa sentimentos e emoções, tendo uma excelente oportunidade de, simultaneamente, desenvolver a sua criatividade. De fato, as autoras entendem que a dança constitui um meio através do qual o indivíduo tem a liberdade de se expressar e com isso exercitar, através de movimentos, a sua criatividade.

Nesse sentido, Brasileiro e Marcassa (2008), comentam que a dança procura valorizar a criatividade em oposição à execução e reprodução. Contudo, as autoras entendem que na dança é um instrumento educacional, capaz de dar oportunidade para a produção de movimentações originais, desenvolvendo-se a criatividade de movimentos.

Para Marques (1997), a dança na educação permite uma integração entre o conhecimento intelectual do aluno e as suas habilidades criativas. Para a autora, a dança na educação deve permitir o desenvolvimento pleno do indivíduo, seja no seu processo de formação, ou seja, na constituição de futuros apreciadores.

Segundo Fiamoncini (2003), para entender melhor a dança como facilitadora de uma educação que priorize todas as dimensões do

ser humano, devemos contribuir para o ensino da dança como um espaço facilitador e estimulador de mudanças humanas e sociais.

Darido (2005), diz que o objetivo da dança na perspectiva da educação, englobaria a sensibilização e a conscientização tanto das posturas, nas atitudes, nos gestos e nas ações cotidianas, quanto em suas necessidades de se expressar, de comunicar, compartilhar e interagir na sociedade na qual vivemos.

Brasileiro e Marcassa (2008) acrescentam a idéia de que a dança dá subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre o corpo, dança e sociedade.

Segundo Marques (1997), devemos pensar a educação crítica da dança, no qual, seja permitido ver, sentir, perceber de forma clara, ampla e profunda. Na ótica da autora, não podemos deixar de analisar cuidadosamente suas múltiplas relações com a sociedade em que vivemos. Para a autora, hoje a dança não tem mais a conotação de que ela não passa de “uns passinhos a mais ou a menos nas vidas das pessoas”, e sim de que a dança tem hoje a conotação de um papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade.

Nesse sentido, Lacerda e Gonçalves (2010) afirmam que ao introduzir na aula, momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças que apreciamos (ou não), poderemos agir de forma crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade.

A compreensão da dança na educação, segundo Strazzacappa (2006), vem ao encontro de uma postura que deve fazer parte da preocupação de muitos educadores ao se criar e expressar a dança, de diversos ritmos e formas, onde aprendemos a relacionar o mundo interior com o mundo exterior. A autora ainda descreve que a dança possibilita uma percepção e um aprendizado que só acontece quando ela é realizada e sentida em ligação direta com o corpo, contribuindo portanto, na educação do ser humano, educando indivíduos críticos, capazes de criar, possibilitando uma compreensão de mundo de forma diferenciada.

Morandi (2006) comenta que a aprendizagem da dança além de desenvolver aspectos motores, cognitivos, estéticos, emocionais e

sociais, citados acima, a dança como um conteúdo da educação também pode mediar múltiplas aprendizagens, dentre elas: consciência corporal, ritmo, formas de relacionar-se com o espaço (interno e externo ao nosso corpo), criação e execução de coreografias, técnica e expressividade do movimento, bem como o desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas, e qualidades de movimento.

Para Strazzacappa (2006), o ensino de dança não deve fixar-se na formação de futuros bailarinos, mas se relacionar imediatamente com a vida dos alunos, como parte integrante da educação dos indivíduos. Deve ajudá-los a tomar consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade para se comunicarem.

Lacerda e Gonçalves (2010) alegam que a educação não pode ser separada da sociedade, o que significa que deve dar acesso com competência técnica e pedagógica a todos os bens culturais, nos quais, a dança obviamente se inclui. De acordo com os autores, a dança apresenta uma concepção de educação capaz de tocar o estético (estado poético), permitindo uma linguagem que se utiliza conotações, analogias e metáforas. Estes aspectos, segundo os autores, têm sido descurados na educação, predominantemente marcada pelo estado prosaico, que privilegia a denotação, a racionalidade e a precisão.

3. Dança na escola: um possível olhar sobre o debate acadêmico

Tendo realizado uma aproximação com os aspectos pedagógicos da dança na escola, propõe-se neste momento, uma discussão acerca dos trabalhos encontrados na investigação.

Foi buscado como proposta metodológica, realizar uma varredura nos últimos seis anos, nos periódicos já mencionados no trabalho - Revista Movimento, Revista de Educação Física da USP, Motriz, Motrivivência, Revista do CBCE, o que permitiu encontrar onze artigos sendo divididos da seguinte forma: Cinco artigos na Motriz (Diniz e Darido, 2012; Pereira e Lacerda, 2010; Pereira e Hunger, 2009; Rondon et. al., 2010; Sousa e Caramaschi, 2011), três artigos na Motrivivência (Sborquia e Neira, 2008; Silva e Rosa, 2008, Soares,

Saraiva e Falcão, 2008), um artigo na Revista Movimento (Kleinubing e Saraiva, 2009), um artigo na Revista de Educação Física da USP (Shibukawa et. al., 2011) e um na Revista do CBCE (Buoggo e Lara, 2011).

Ao analisar os artigos mencionados, foram encontrados diversos estudos referentes à dança, no entanto, as referidas pesquisas não optavam pela dança na escola, mas na perspectiva do desporto com ênfase na técnica, estilo, em outros espaços de atuação, dentre outras, sendo assim, descartados como dados da pesquisa aqui pretendida.

Outro aspecto relevante a ser ressaltado, foi a opção pela concentração de temas para a apresentação dos dados encontrados nos trabalhos. Ao analisar os artigos e a sua relação com dança na escola, foram verificadas diversas convergências de temáticas que serão discutidas ao longo desta parte do trabalho, conforme disposto a seguir: Falta de preparação didático-pedagógica para tratar a dança na escola; Desinteresse dos profissionais pelo conteúdo de Dança; Utilização da dança em eventos na escola e como atividade extraclasse; Discriminação da dança pelos discentes do sexo masculino; Ausência de material de apoio e de instalação.

3.1 Falta de preparação didático-pedagógica para tratar a dança na escola

Dentre os artigos analisados, a falta de preparação didático-pedagógica do docente é um dos principais problemas apontados como justificativa pela ausência da dança no âmbito escolar.

Segundo Kleinubing e Saraiva (2009), os mais evidenciados foram a falta de conhecimento em relação à técnica da dança e a pouca afinidade com esse conteúdo. Para as autoras, a dança como os outros conteúdos da Educação Física escolar, precisa ser trabalhada na perspectiva da superação da concepção técnica e de instrução. Na ótica das autoras, a dança precisa ser percebida como uma forma de vivência das atividades libertadoras, das atividades criativas, que possam levar os alunos e professores a uma mudança de atitudes perante a realidade excludente e cruel que se apresenta a toda a humanidade.

Nessa ótica da predominância e valorização do aspecto técnico sobre o lúdico e artís-

tico, Pereira e Lacerda (2010), dizem que isso acaba fazendo com que o principal objetivo que a dança escolar aborda, como o processo criativo e livre da capacidade do movimento, seja perdido e substituído por algo técnico, pulando as etapas do desenvolvimento cognitivo e psicomotor, desrespeitando a naturalidade do aprendizado.

Essa idéia também é confirmada por Diniz e Darido (2009), ao afirmarem que o princípio da inclusão ou da não exclusão, “procura garantir o acesso de todos os alunos às atividades propostas”, demonstrando que o mais relevante é a participação democrática e inclusiva, e não a preocupação técnica.

Segundo Buoggo e Lara (2011), existe uma ausência de orientações didático-pedagógicas ampliadas e consistentes. Segundo os autores, a escola não sabe aproveitar do recurso da dança para avaliar os fundamentos, condições e orientações, no qual os autores consideram insuficientes para explicitar “o que” e “como” tratar pedagogicamente esses conteúdos, no sentido de que o professor possa contar com subsídios teórico-práticos para orientar, efetivamente, sua ação docente.

Para Rondon et. al (2010), há uma falta de fundamentação teórica para um trabalho crítico e consciente. Segundo os autores, o conteúdo em Educação Física é solto e acaba não possibilitando o reconhecimento de outros caminhos possíveis para o trato com a dança na escola. Na ótica dos autores, existem dificuldades na abordagem de um referencial teórico mínimo que dê conta de elucidar o campo de conhecimento da dança.

Sborquia e Neira (2008), ao trazerem à tona a problemática da preparação didático-pedagógica, revelam a carência de conhecimentos dos professores, acarretando uma dificuldade na sistematização da dança na escola. Outro problema apresentado pelas autoras, diz respeito ao incentivo e à divulgação das produções teóricas voltadas para a dança na escola, dificultando o acesso dos profissionais de Educação Física ao conhecimento científico.

Segundo Diniz e Darido (2009), essa marginalização ou exclusão da dança na escola se dá pela falta de vivência do professor, tanto na vida pessoal como na formação inicial. As autoras alegam que por não ter a vivência em dança, os professores apresentam

nesse aspecto, a falta de experiências, como limitação para o desenvolvimento do referido conteúdo nas suas aulas.

Shibukawa, et. Al (2011), acrescentam que as afirmativas de professores em sua pesquisa, como: “não possuir conhecimento e vivência suficiente para desafiar-me a trabalhar de forma eficiente com a dança”, e “não estar preparado suficiente para conduzir as aulas”, seriam menos frequentes, se os professores pudessem perceber em seu corpo próprio a capacidade expressiva que integra tanto a estrutura do sujeito, quanto a estrutura do mundo.

Soares, Saraiva e Falcão (2008), além de abordarem a falta de conhecimentos do professor de Educação Física ao trabalhar a dança na escola, levantaram outra questão fundamental, que se diz respeito à falta de preparação didático-pedagógica na escola, ao mencionar que nem a escola, e muito menos a educação física, está conseguindo dar conta de toda esta responsabilidade. Segundo os autores, neste contexto, a falta de integração entre alunos, família e a escola acabam criando lacunas na educação dos próprios alunos. Os autores em sua ótica argumentam que o diálogo entre todos os envolvidos é extremamente importante para a re-significação de determinados conceitos de educação física e de dança, que se configuram nestes dois universos simbólicos.

Os autores mencionam também a falta de projetos nas escolas relacionados à dança, considerando que a escola e a família não dão conta da educação das crianças, jovens e adultos. Os autores sugerem a criação de estratégias e/ou processos de intervenção educacional que fortalecessem a comunicação entre os atores sociais desta relação.

Para Pereira e Lacerda (2010), a ausência da preparação didático-pedagógica dos docentes para lecionar a dança na escola, ocorre devido aos currículos fragmentados e desconexos das universidades, em que a interdisciplinaridade não se faz presente.

Nesta ótica, os autores (PEREIRA E HUNGER, 2009; KLEINUBING E SARAIVA, 2009; SBORQUIA E NEIRA, 2008) alegam que a formação dos professores de Educação Física Escolar em relação ao conteúdo de dança, apresenta deficiências

e limites, prejudicando seu futuro ensino nas escolas. Segundo esses autores, esta análise se nota certo preconceito com a dança, porque eles não se sentem preparados para lidar com este conteúdo no ensino escolar.

Contudo Sousa e Caramaschi (2011) comentam além do planejamento em Educação Física Escolar ser solto, não tendo nenhuma direção a ser seguida em relação à dança. Para os autores, ela é deixada de lado, não sendo compartilhadas às demais unidades abordadas, pois os professores preferem trabalhar o desporto devido ser mais prático, fácil e de melhor domínio. Os autores afirmam que os professores não reconhecem a importância de se focar em objetivos mais amplos para a Educação Física, tais como o sentido expressivo, criativo e comunicativo.

3.2 Desinteresse dos profissionais pelo conteúdo de dança

O Desinteresse dos profissionais de EF pela dança emerge no estudo como outro ponto que promove a exclusão da dança na escola.

Segundo Pereira e Lacerda (2010), a dança na Educação Física Escolar, permanece na marginalidade dos conteúdos propostos pelos docentes aos alunos, ou são somente aproveitados por professores considerados experientes nesses temas.

Neste sentido, Souza e Caramaschi (2011), comentam em sua pesquisa que há um enorme desinteresse dos professores em educação física em querer aprender e trabalhar a dança. Os autores apontam que, devido a essa afirmação, a dança deixa de conquistar espaço e corpo nas escolas.

Para os autores Shibukawa, et. al (2011), há falta ou precariedade de experiências e vivências práticas em dança na vida pessoal e na formação profissional, conforme já apontada no item anterior, também promove o desinteresse dos profissionais pelo referido conteúdo. Pereira e Hunger (2009) também compartilham desta opinião ao relatar a falta de vontade do professor em se preparar e executar uma aula de dança.

Nota-se também que alguns professores demonstraram não ter interesse em aprofundar seus conhecimentos com relação à dança, por ter seu interesse direcionando a educação física na escola para todas as áreas do esporte justificando o desinteresse, alegando que a dança

requer um tempo maior e um espaço adequado para a realização desta (KLEINUBING E SARAIVA, 2009).

Dentre as justificativas para tais dificuldades em ensinar dança, alguns professores relatam terem receio em demonstrar alguns movimentos de dança para seus alunos. Contudo para Shibukawa *et. al* (2011), não se pode negar que, em se tratando de ensinar um conteúdo de movimentação corporal, que é o caso da dança, há grande necessidade de tê-lo vivenciando e experimentado. Porém os autores ressaltam que para se ensinar dança na escola, o professor necessariamente não precisa ser um exímio dançarino, basta apenas ter boa vontade.

Seguindo essa ótica de percepção, a dificuldade de execução dos movimentos da dança, Diniz e Darido (2009), somam a idéia de que muitos professores de educação física acabam substituindo os conteúdos de dança por outros conteúdos em suas aulas, havendo principalmente a predominância de conteúdos de cunho esportivo.

Para Pereira e Hunger (2009), o desinteresse dos profissionais emerge do conteúdo de dança trabalhado na faculdade de educação física, pois este fica restrito ao período de no máximo dois semestres durante toda a formação. Segundo os autores, o ensino de dança na faculdade é considerado insuficiente para que os professores se sintam seguros para ministrar tal conteúdo na escola. Se ainda levarmos em consideração que, nas décadas de 1980 e 1990, muitos cursos de Educação Física não possuíam em sua matriz curricular a dança para os alunos, a dificuldade e desinteresse mencionado pelas autoras se agravam ainda mais, pois os professores não adquiriram o mínimo de conhecimento e experiência necessários para o desenvolvimento de tal cultura corporal.

Pensar nessa direção não significa concordar que tais profissionais devam abrir mão deste conteúdo, mas de salientar e compreender a dificuldade presente no cotidiano destes professores.

Seguindo essa linha de pensamento, Pereira e Lacerda (2010), relatam que a dificuldade emerge, em muitos casos, do despreparo dos profissionais para trabalhar a dança. Um dos pontos ressaltados pelos autores se deve pelo curto período e espaço destinado ao aprendizado da dança na formação inicial do professor. Na ótica dos autores, tal justificativa dos professores em não trabalhar a dança

na escola se deve ao fato desse professor não possuir “qualificação necessária”, e ou não se sentir confortável para ensinar.

No entanto, cabe salientar que o professor de educação física, deve ser visto como orientador das vivências de seus alunos e mediador de conhecimentos. Dessa forma, os professores devem sair de sua zona de conforto, buscando estratégias de ensino para desempenhar sua função de educador, contribuindo para o conhecimento e desenvolvimento de seu aluno, independente de sua relação com a dança.

3.3 Utilização da dança em eventos na escola e atividades extraclasse

Ao analisar os artigos para a realização deste trabalho, percebemos que alguns autores argumentaram que a dança na escola é utilizada para apresentações de algum evento ou data comemorativa, ou utilizada ainda como atividade extraclasse, onde não beneficia à todos os alunos da escola.

Nesse sentido, o trato com a dança é visto por muitos professores de educação física como uma forma eventual de se abordar tal conteúdo. Para esses profissionais, cabe à responsabilidade de preparar uma apresentação de dança para uma data comemorativa determinada pela unidade educacional (BUOGGIO E LARA, 2011).

Kleinuibling e Saraiva (2009), abordam em seu artigo que os professores ficam apenas preocupados e focados com a performance na hora do espetáculo, e não com os processos pedagógicos e formativos vivenciados pelos alunos. De acordo com as autoras, o foco desses professores fica apenas no momento da exposição pública da dança.

Neste sentido, Rondon et. al (2010), comentam que a dança desenvolvida na ótica supracitada visa o produto final. Na perspectiva dos autores, a dança tem como objetivo a apresentação em si, não se preocupando com os meios de construção, com a aquisição do conhecimento e, nem tampouco, com a interação dos sujeitos envolvidos no processo.

Outro aspecto ressaltado por Pereira e Lacerda (2010), e que se aproxima do ensino da dança relacionado ao evento é a seleção de apenas alguns alunos para a realização das apresentações de dança. Nessa perspectiva, o

professor elege somente os alunos que irão se apresentar, e com isso, deixa de envolver outros discentes que gostariam de estar participando. Essa prática docente, faz com que a Educação Física Escolar, possua dificuldades em tratar de assuntos como a manifestação e a valorização da diversidade, buscando sempre uma padronização e homogeneização de seus alunos.

É importante ressaltar que a seleção de alunos para as apresentações de dança, faz com que haja um distanciamento da proposta de integração no cotidiano das aulas, e isso acaba influenciando a prática performática dos alunos (SOUSA E CARAMASCHI, 2011).

Outro problema apontado por Sborquia e Neira (2008), é que o conteúdo de dança ao ser restringido aos eventos fica restrito às datas comemorativas, o que se torna desconexa de todo o projeto político pedagógico da escola e da própria educação física. É importante que se perceba que ao ser desenvolvido apenas em datas comemorativas, a dança fica desconectada do processo educacional desenvolvido no processo das aulas de educação física.

Pereira e Hunger (2009) se aproximam do problema exposto, a dança fora do espaço das aulas, ao afirmar que a dança ao ser oferecida como disciplina e como atividade complementar, reproduz a ótica que exclui essa prática como um conteúdo das aulas, pois privilegia apenas os alunos que já possuem afinidade com a referida prática corporal, deixando de oportunizar a todos os discentes um momento de vivência para a referida ação.

Para Buogo e Lara (2011), a dança nas escolas mostra-se predominantemente como atividade extracurricular, e não como conhecimento específico, com linguagem corporal a ser apreendida pelos alunos da Educação Básica. Isto se dá, segundo os autores, pelo fato da dança estar atrelada ao pensamento pedagógico brasileiro, dualista e racional, quando há séculos, tem valorizado o conhecimento linear e intelectual em detrimento do conhecimento sintético, sistêmico, corporal e intuitivo.

Partindo do referido pressuposto, é fundamental que se perceba a necessidade da ampliação do espaço destinado à dança na escola. É fato que os profissionais de educação física encontram uma série de dificuldades para implementar a dança como um conteúdo da

disciplina, no entanto, é preciso considerar a necessidade do enfrentamento diante da problemática enunciada.

3.4 Discriminação da dança pelos discentes do sexo masculino

A dança como um conteúdo, enfrenta outro problema no seio da educação física: a participação dos discentes do sexo masculino.

Kleinubing e Saraiva (2009), reiteram que a dança possui potencial para promover a diversidade cultural, pois abrangem todas as idades, sexos, classes sociais, etnias, entre outros. Os autores em seu artigo, demonstram a preocupação pela forma distorcida e discriminada que a dança sofre ao ser delegado pela sociedade como uma cultura de domínio feminino, pois os alunos que praticam a dança são discriminados na escola como sendo “afeminados”.

Neste sentido, as autoras Silva e Rosa (2008), comentam que a literatura sobre o assunto tem mostrado que a discriminação da sociedade para com a dança é fruto de estereótipos construídos em relação aos papéis sociais específicos para homens e mulheres. Segundo as autoras, os homens têm a necessidade de preservar a identidade masculina, cujo papel vincula-se a práticas caracterizadas pela força e poder. Diante disso, as autoras afirmam que o sexo masculino acaba se afastando da dança por acharem que a sensibilidade e suavidade, pode lhe oferecer algum risco de desencaminhá-los para papéis femininos.

Nesta mesma concepção, Shibukawa, et. Al (2011), argumentam que a escola passa a ser de forma indireta, um instrumento reprodutor de pensamentos discriminatórios. No ambiente da Educação Física Escolar, a dança acaba sendo destacada por ser praticada mais pelo gênero feminino. Com isso, os autores em seu artigo levantaram que os alunos do sexo masculino, sofrem medo de rótulos ditos como: afeminado, gay, dentre outros.

Essa percepção também é mencionada por Silva e Rosa (2008), para os autores, os meninos buscam realizar atividades ditas “mais masculinas”, como jogos esportivos e competições. Ou seja, atividades que incorpore seu papel mediante a sociedade, visto como o mais forte e menos emotivo, na tentativa de afirmar sua masculinidade.

Pereira e Lacerda (2010) comentam que muitos meninos gostariam de praticar a dança, mas ficam com medo de serem discriminados por amigos ou mesmo familiares.

Nesta mesma concepção, Rondon et. al. (2010), abordam a resistência e o preconceito de amigos e familiares como forte obstáculo para o ensino de dança na escola, pois eles não permitem e condenam tal ensino, por acreditarem que isso pode influenciar a masculinidade do indivíduo. Segundo os autores, o aluno passa a sofrer bullying por parte dos amigos e até mesmo familiares, além de muitos sentirem vergonha por eles ao assistirem uma apresentação de dança. Os autores observaram que esta situação é enfrentada com bastante resistência, apesar de absurda.

Um aspecto importante a ser evidenciado é a ausência de outras referências de estilo de dança na escola. Os alunos do sexo masculino se identificam com novas tendências de dança como: Hip Hop, Dança de Rua, Pagode, entre outras. A ausência desses estilos acaba reproduzindo uma perspectiva que não promove a participação dos alunos na aula de dança, pois ela geralmente é conduzida por meio de músicas lentas e estilos de dança que não os agradam, como jazz e balé, no qual os passos de dança não mostram desafios (BUOGGO E LARA, 2011).

Ao considerar o exposto pelas autoras, não estamos aqui afirmando que realizar determinados movimentos do Balé ou do Jazz, não possa ser percebido como desafios para os alunos que já praticam os referidos estilos de dança, pois são movimentos com alta dificuldade, necessitando de técnica para realizá-los. Mas, trazer à tona, a dificuldade, que os alunos que não dançam, sente para ingressar neste mundo considerado afeminado. Assim, entendemos que as autoras ao trazerem o Hip Hop, a Dança de Rua, o Funk, dentre outras possibilidades, percebem nestes estilos movimentos mais arrojados em que os meninos não se sentiriam expostos por sua masculinidade.

É importante que se perceba que em um processo de longa duração, essa cultura corporal, foi tida como uma prática exclusivamente de domínio feminino, portanto, devemos compreender as ações de resistência dos alunos para daí tentar intervir processualmente.

Neste sentido, Diniz e Darido (2009) comentam que o choque entre diferentes cul-

turas (menino/menina) se torna bem visível no ambiente escolar, que é compartilhado por milhares de crianças, adolescentes e jovens. Segundo as autoras, os alunos em geral apresentam diferentes origens, preferências, estilos, valores e costumes distintos para compartilhar o mesmo ambiente. Considerando esta característica, as autoras alegam que isso faz com que as escolas se tornem um espaço propício para o surgimento de preconceitos, discriminação, desrespeito e inclusive atos extremos de violência.

Segundo Kleinubing e Saraiva (2009), o que parece mais estimulador para iniciar os meninos na dança e que alguns estudos já apontaram, é transportar os movimentos corporais do universo do esporte para a dança. Esses movimentos exigem força, vigor e podem ser uma estratégia utilizada pelo professor com o objetivo de proporcionar o primeiro contato com essa linguagem corporal.

Também no sentido de viabilizar a dança de uma forma não intimidadora para os meninos, Buoggo e Lara (2011), afirmam a necessidade, embora não suficiente, de começar cedo o ensino da dança de uma forma agradável para os meninos e que não seja ameaçadora à sua masculinidade.

3.5 Ausência de material de apoio e de instalação

A dança, assim como outro conteúdo qualquer em uma aula de educação física, requer um bom planejamento. Há ainda, a necessidade de ter um ambiente apropriado e estruturado para realização das aulas de danças, com materiais de apoio para sustentação, manutenção e execução da atividade proposta.

Porém a realidade na escola, principalmente as escolas públicas, é que não há uma estrutura onde o professor em educação física consiga ministrar suas aulas, não apenas o conteúdo de dança, como também, outros conteúdos da área.

Segundo Sborquia e Neira (2008), ao confrontar os problemas reais da prática educativa com as preposições da educação física, os autores consideram que se torna mais difícil realizar uma aula de dança na Educação Física Escolar, pois além das dificuldades de preparo do profissional em ministrar uma aula de dança, conforme exposto item 3.1, existe

também a falta de material de apoio no qual, é o suporte essencial para as aulas. Diante dessa realidade, o professor encontra maiores dificuldades no “uso” da dança como um conteúdo da educação física.

Diante disso, Kleinubing e Saraiva (2009), em sua pesquisa, apontam que a dificuldade com material de apoio advém da falta de espaço adequado para a realização das aulas. Os autores comentam que a ausência de uma sala específica para as aulas de dança dificultam a intensidade do som, pois em sua maioria, as escolas não possuem um som ideal que possua a potência que possibilite o trabalho em um espaço aberto.

Nesse sentido, Silva e Rosa (2008), criticam a falta de um espaço específico para a realização das aulas de dança, pois quase sempre é realizado em quadra, ou mesmo em pátio da escola. Para os autores, a dança não recebe o devido respeito que ela merece.

É importante observar que devido às aulas de dança serem realizadas em espaços abertos, os alunos tendem a ficar mais dispersos e agitados. A dança possui a característica de concentração, no qual, o aluno precisa obter a atenção para a realização da atividade proposta.

Para Shibukawa, et. al. (2011), as crianças vêem a figura do professor como a principal referência para a execução de um passo de dança. Nesse sentido, os autores apresentam o espelho como um dos principais materiais de apoio para a aula de dança, pois em sua falta, o professor encontra dificuldades de observação e avaliação, no qual seu trabalho acaba sendo prejudicado.

A ausência do espelho durante as aulas de dança impossibilita o professor de visualizar toda sua turma impossibilitando o acompanhamento do aprendizado e as dificuldades dos alunos, além de não ter maior controle da turma (BUOGGO E LARA, 2011).

As autoras Silva e Rosa (2008), colocam além da falta de espaço e do espelho citados, outros aspectos estruturais que prejudicam o ensino da dança: ausência de piso adequado e alinhado, iluminação, equipamento de som, barra, calçados, entre outros. Segundo as autoras, as poucas escolas que têm uma sala com espelho e/ou som, geralmente são doações ou arrecadações entre os próprios professores e diretores.

Portanto, é importante considerar que a instalação adequada de materiais seria um artifício necessário para melhorar a qualidade do ensino de uma aula de dança. É importante que se perceba que o problema apresentado nesse tópico, a ausência de material adequado, não influenciaria aquele profissional que não possui a atitude de modificar a sua prática acrescentando a dança como um conteúdo a ser desenvolvido durante as aulas, mas sim o docente que já desenvolve esse conteúdo sem os materiais adequados para a prática.

Tendo apresentado os principais aspectos que dificultam a prática da dança no cotidiano escolar, vamos nesse momento discutir a importância da dança na escola.

4. A dança na escola: uma relação possível?

Foi possível perceber, por meio, dos autores pesquisados, que a dança é um conteúdo relevante e dinâmico a ser abordado nas aulas de Educação Física Escolar. O referido conteúdo se apresenta como uma ação prazerosa e transformadora.

Se partirmos da perspectiva de que a dança é uma linguagem, pois permite aos sujeitos se comunicar por seu intermédio, devemos então pensá-la como uma proposta compatível às práticas educacionais.

Para Verderi (2009), a dança na escola deve ter uma direção voltada para descoberta, no qual se possa vivenciar, pensar e sentir. Segundo a autora, para se ensinar dança, temos que conhecer o perfil de nossos alunos, entendê-los, verificar seus anseios e necessidades para somente depois pensarmos na elaboração de um programa adequado.

A autora comenta também que, embora grande parte das atividades em dança seja trabalhada em grupo, deveremos estar sempre preocupados em observar a realização individual de cada um de nossos alunos, para, assim, identificar a existência, caso haja, de dificuldades por parte de alguns deles.

De acordo com Lacerda e Gonçalves (2010), a elaboração do plano de ensino, deve estar voltada para a educação do movimento consistente dos alunos com o foco principal

de estimular a criação e recriação de seus próprios movimentos.

Nesse sentido, destaca-se que para uma ação de mediador, o professor deve elaborar um plano de aula, que contenha elementos conceituais: estrutura didática; temática; objetivo; conteúdo programático; estratégias e recursos didáticos; duração e referências, essa metodologia subsidiará a avaliação de sua atuação e dos alunos (DINIZ E DARIDO, 2009).

Contudo, Kleinubing e Saraiva (2009) complementa que o professor de educação física deve estruturar o planejamento das suas aulas relacionadas à dança com as atividades corporais que mostrem o conhecimento dos movimentos e os seus significados.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a importância do trabalho lúdico nas aulas de Educação Física Escolar utilizando a dança como meio educacional, pois este é um caminho que estimula a criação enredada à prazerosidade, promovendo vários benefícios no desenvolvimento psíquico e motor, agregando valores e qualidades no desenvolvimento da criança (SOARES, SARAIVA E FALCÃO, 2008).

Para Pereira e Lacerda (2010), a dança permite que todos os envolvidos possam dar idéias, além de criar e ensaiar movimentos dentro dos seus limites, sendo esta uma motivação como estratégia de fundamental importância, visto que os alunos precisam ser instigados a participar.

Partindo do referido pressuposto, Lacerda e Gonçalves (2010), comentam que por meio da dança da escola, o aluno tem oportunidade de desenvolver sua capacidade expressiva e criadora, conseguindo adquirir maior domínio dos seus gestos, bem como confiança e segurança em suas atitudes. A dança na Educação Física Escolar, contribui ainda para o desenvolvimento da consciência corporal, bem como para o aprimoramento da noção de tempo e espaço, da consciência rítmica e da educação dos sentidos.

O foco principal para a dança na escola deve estar voltado de acordo com Verderi (2009), na música, som, ritmo, movimento, prazer, harmonia, intelecto, conhecimento, descoberta, formação pessoal e, sobretudo, educação para a vida. Com isso, o ensino será espontâneo, nunca imposto, pois nascerá de uma proposição, de um ato de vontade, pois não se ensina e nem se aprende, simplesmente se desfruta.

Rondon et. Al (2010), discutem que a dança na escola, deve ser incluída como um conteúdo, pois desenvolve a coordenação motora, equilíbrio, flexibilidade, criatividade, musicalidade, socialização, consciência corporal, noções de espaço, lateralidade, expressões corporais e faciais de forma espontânea.

Outro aspecto importante a ser observado pelo professor são as conquistas e dificuldades dos discentes, a fim de conhecê-los melhor. É necessário que o ambiente de aula seja cooperativo, estimulante, favorecedor do desenvolvimento intelectual, promovendo a interação entre os distintos significados apreendidos pelos alunos, ou criados por eles (PEREIRA E HUNGER, 2010).

Diante dessa ótica, é relevante ressaltar que a dança para aqui é concebida como uma linguagem, como possibilidade de diálogo com o mundo. A dança proporciona uma forma diferente de exteriorizar sentimentos contribuindo para a expressão corporal por meio de novas possibilidades de movimentos criados, imitados, imaginados, na disposição da troca de movimento e contato com um ou mais indivíduos (KLEINUBING E SARAIVA, 2009). Para os autores, esses pressupostos aproximam a dança do contexto escolar, ou seja, uma forma diferenciada de falar sobre as coisas que nos constitui, outra possibilidade de nos apresentar ao mundo, uma experiência que permita nos encontrar e encontrarmos o outro a partir das múltiplas formas de se movimentar.

Buoggo e Lara (2011) comentam que a principal “habilidade” a ser “desenvolvida” por meio da dança é a sensibilidade. Nesta dimensão, é preciso ser/estar sensível às necessidades de comunicação dos alunos, ser/estar sensível às necessidades de serem ouvidos, questionados, elogiados e compreendidos. Seguindo essa trajetória de pensamento é necessário ainda, fazer um esforço para que a dança ocupe seu espaço como um conteúdo da educação física na escola, pois se trata da experiência própria do movimento, com todas as implicações dessa prática corporal.

Nesta perspectiva, Silva e Rosa (2008), apontam que a dança na escola tem que ser trabalhada com atividades diversificadas e livres, sem imitações, no qual abrirá um espaço para o desenvolvendo de um olhar crítico sobre as coisas. Dessa forma, segundo os autores,

ampliara as visões de mundo dos discentes, ampliando as possibilidades de expressão, comunicação, percepção e criatividade, e ainda valorizando sempre o que o aluno traz consigo da sua vida cotidiana.

Diante dos argumentos expostos pelos autores estudados acreditamos que, na atualidade, a dança se coloca como um conteúdo possível a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física, pelo potencial apresentado por esta prática.

Esse pensamento traz a ideia de que ao experimentar a dança, somos capazes de expressar, de modos singulares, o entendimento que temos do mundo que nos cerca, bem como somos capazes de expressar nossas emoções e sentimentos, sem necessariamente, dominarmos uma técnica específica. Assim, percebe-se que a dança a ser discutida e trabalhada no âmbito da educação, e em especial da educação física, possibilita aos sujeitos apresentarem seus pontos de vistas com relação ao mundo vivido e construído a partir das suas experiências, já que a relação de cada pessoa com a dança é algo diferenciada conforme sua vivência subjetiva e a realidade social.

Essa questão é razão suficiente para que a escola seja pensada como espaço de conjugação de conhecimento das mais diversas áreas. Nela, a dança, conteúdo estruturante da Educação Física apresenta-se como manifestação corporal e histórica que, em si, recompõe e unifica a relação com o conhecimento, propondo elos entre razão e sensibilidade, entre pensamento e ação, entre individualidade e sociabilidade, entre expressão pessoal e articulação do conjunto.

5. Considerações Finais

A intenção foi investigar como a dança tem sido utilizada como um possível conteúdo para as aulas de Educação Física Escolar, privilegiando a problemática: Até que ponto dança está sendo privilegiada, nos debates acadêmicos, como um conteúdo a ser considerado durante as aulas?

Diante dos argumentos exposto pelos autores estudados percebo que a dança atualmente, se coloca como um conteúdo possível a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física Escolar, por conta de seu direcionamento dinâmico e inovador apresentado por esta prática.

Certamente ainda há um longo caminho a ser percorrido em relação à efetivação da dança no contexto da educação física escolar, pois ainda falta aos diretores, professores, alunos e familiares, o entendimento e reconhecimento da importância desse conteúdo nas perspectivas de emancipação dos sujeitos. Entende-se que a dança que deve estar presente nas aulas de Educação Física é o espaço de promoção da criatividade e principalmente, da sensibilidade.

Possivelmente, um dos pontos relevantes desta investigação foi proporcionar um momento de reflexão quanto ao trabalho com a dança na escola. Quer-se acreditar que esse estudo possa ter sensibilizado os profissionais de Educação Física Escolar no sentido de promover um auto questionamento. Enfim, tenho a esperança de ver esse conteúdo que tanto defendo e admiro ganhar consistência e mais abertura no campo no qual escolhi atuar.

6. Referências Bibliográficas

BRASILEIRO, L.T; MARCASSA, L.P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. **Pró-Posições**. v.19, n.3, 2008, pg.105 – 207.

BUOGGO, E.C.B; LARA, L.M. Análise da dança como conteúdo estruturante da Ed. Física nas diretrizes curriculares da educação básica no Paraná. **Rev. Bras. Cie. Esp.** v.33, n.4, 2011, p. 873 – 888.

CAPARROZ, Fernando Eduardo. **Entre a educação física da escola e educação física na escola**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

CASTELLANI, F. L. **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. 3 ed. São Paulo: Papirus, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e reflexões**. 5. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005

DARIDO, S.C; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. 6. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

DINIZ, I.K.S; DARIDO, S. C. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz**. Rio Claro, v.18, n.1, 2012, p.176 – 185.

FIAMONCINI, L. Dança na Educação: A busca de elementos na arte e na estética. **Pensar a Prática**. v. 6, 2003, p.59 – 72.

GHIRALDELLI, J. P. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Loyola, 1989.

KLEINUBING, N.D; SARAIVA, M.C. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. **Movimento**. v.15, n.4, 2009, p. 193-214.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático - pedagógica do esporte**. 6. ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

LACERDA T., GONÇALVES E. Educação estética, dança e desporto na escola. **Rev. Port. Cien. Desp**. v. 9(1), 2010, p. 105 – 114.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

_____. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas. 2009.

MORANDI, CARLA. **A dança e a educação do cidadão sensível**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006

MARQUES I.A. Dançando na escola. **Motriz**. Rio Claro, v.03, n.1, 1997, p. 20 – 28.

PEREIRA, A.A; LACERDA, Y. Dança Educacional nas escolas públicas do Rio de Janeiro. **Motriz**. Rio Claro, v.16, n.2, 2010, p. 440 – 449.

PEREIRA, M.L; HUNGER, D.A.C.F. Limites do ensino de dança na formação do professor de Educação Física. **Motriz**. Rio Claro, v.15, n.4, 2009, p. 768 – 780.

RONDON T.A, et. al. Atividades rítmicas e Educação Física escolar: possíveis contribuições ao desenvolvimento motor de escolares de 08 anos de idade. **Motriz**. Rio Claro, v.16, n.1, 2010, p. 124 – 134.

SARAIVA et al. **Ensinar e aprender em dança: evocando as “relações” em uma experiência contemporânea.** In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Org.). **Práticas corporais**, v. 2, 2005, p. 61-78.

SBORQUIA, S.P; NEIRA, M.G. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**. UFSC, Ano XX, n.31, 2008, p. 79-98.

SHIBUKAWA R.M, et.al. Motivos da prática de dança de salão nas aulas de educação física escolar. **Revista de Educação Física da USP**. São Paulo, v.25, n.1, 2011, p.19-26.

SILVA, Q, ROSA, M.V. Análise das Estratégias Metodológicas das Aulas de Dança Improvisação na Educação Física Infantil. **Motrivivência**. UFSC, Ano XX, n.31, 2008, p. 66-78.

SOARES, A.S; SARAIVA, M.C; FALCÃO, J.L.C. Educação Física e Família: Construindo aproximações por meio da dança na escola. **Motrivivência**. UFSC, Ano XX, n.30, 2008, p. 91-110.

SOUSA, N.C.P; CARAMASCHI, S. Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola. **Motriz**. Rio Claro, v.17, n.4, 2011, p. 618 – 629.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A dança e a formação do artista**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006

_____. A educação e a fábrica de corpos: A dança na escola. **Caderno Cedes**. Ano XXI. n. 53, 2001, p 69 – 83.

VERDERI, E. **Dança na escola: Uma abordagem pedagógica**. Bela Vista, SP: Phorte, 2009.